ISSN-2966-0785 REVISTA ACADÊMICA DA LUSOFONIA

INVESTIGAR EM PSICOLOGIA: DIÁLOGOS E DIVERGÊNCIAS METODOLÓGICAS EM CONTEXTO ACADÉMICO

RESEARCHING IN PSYCHOLOGY: METHODOLOGICAL DIALOGUES AND DIVERGENCES IN THE ACADEMIC CONTEXT

INVESTIGAR EN PSICOLOGÍA: DIÁLOGOS Y DIVERGENCIAS METODOLÓGICAS EN EL CONTEXTO ACADÉMICO

Francisco Casimiro Balo[1]

[1] *Universidade 11 de Novembro (UON), Cabinda, Angola. E-mail: filantropico2003@yahoo.es | Telemóvel: +244 928 663 287.*

RESUMO

A produção do conhecimento científico em Psicologia enfrenta, na contemporaneidade, tensões epistemológicas e metodológicas profundas que interpelam diretamente as práticas investigativas desenvolvidas no espaço universitário. O presente artigo tem como objetivo geral contribuir para o aprofundamento crítico e sistemático sobre os fundamentos, diálogos e divergências metodológicas que atravessam a investigação científica em Psicologia no contexto académico atual. De modo específico, procura-se: analisar os pressupostos epistemológicos e ontológicos que sustentam as abordagens quantitativas, qualitativas e mistas na investigação psicológica contemporânea; discutir as convergências e tensões paradigmáticas presentes na articulação entre rigor metodológico, subjetividade humana e critérios de validade científica; e examinar os desafios formativos, institucionais e éticos enfrentados por docentes e estudantes na construção de desenhos de pesquisa coerentes nas instituições de ensino superior. Metodologicamente, trata-se de um estudo teórico-conceptual, de natureza bibliográfica e hermenêutico-crítica, sustentado na revisão e análise aprofundada de obras de referência internacional e contemporânea no domínio da epistemologia e metodologia da investigação em Psicologia. Os resultados da análise evidenciam que a dicotomia histórica e rígida entre mensuração estatística e compreensão qualitativa cede progressivamente lugar ao pluralismo metodológico, ao pragmatismo crítico e à triangulação rigorosa, desde que salvaguardada a vigilância epistemológica e a coerência interna entre objeto, problema e método. Conclui-se que a

superação do dogmatismo metodológico fortalece decisivamente a maturidade científica, a autonomia intelectual e a relevância social da Psicologia académica, promovendo investigações inovadoras, eticamente responsáveis e epistemologicamente consistentes frente à complexidade e multideterminação dos fenómenos psicológicos humanos.

Palavras-chave: Epistemologia da Psicologia. Metodologia Científica. Pluralismo Metodológico. Investigação Académica. Subjetividade.

ABSTRACT

The production of scientific knowledge in Psychology faces, in contemporary times, profound epistemological and methodological tensions that directly challenge investigative practices developed within the university space. This article aims, as its general objective, to contribute to a critical and systematic deepening of the foundations, dialogues, and methodological divergences that permeate scientific research in Psychology within the current academic context. Specifically, it seeks to: analyze the epistemological and ontological assumptions underlying quantitative, qualitative, and mixed approaches in contemporary psychological research; discuss the paradigmatic convergences and tensions present in the articulation between methodological rigor, human subjectivity, and scientific validity criteria; and examine the formative, institutional, and ethical challenges faced by faculty members and students in constructing coherent research designs within higher education institutions. Methodologically, this is a theoretical-conceptual study, of a bibliographic and hermeneutic-critical nature, grounded in the thorough review and analysis of contemporary international reference works in the domain of epistemology and research methodology in Psychology. The analytical findings demonstrate that the historical and rigid dichotomy between statistical measurement and qualitative understanding progressively gives way to methodological pluralism, critical pragmatism, and rigorous triangulation, provided that epistemological vigilance and internal coherence between object, problem, and method are safeguarded. It is concluded that overcoming methodological dogmatism decisively strengthens the scientific maturity, intellectual autonomy, and social relevance of contemporary academic Psychology, fostering innovative, ethically responsible, and epistemologically consistent investigations capable of addressing the complex, dynamic, and multidetermined nature of human psychological phenomena.

Keywords: Epistemology of Psychology. Scientific Methodology. Methodological Pluralism. Academic Research. Subjectivity.

RESUMEN

La producción del conocimiento científico en Psicología enfrenta, en la contemporaneidad, profundas tensiones epistemológicas y metodológicas que interpelan directamente las prácticas investigativas desarrolladas en el espacio universitario. El presente artículo tiene como objetivo general contribuir a la profundización crítica y sistemática sobre los fundamentos, diálogos y divergencias metodológicas que atraviesan la investigación científica en Psicología en el contexto académico actual. De manera específica, se procura: analizar los presupuestos epistemológicos que sustentan los enfoques cuantitativos, cualitativos y mixtos en la investigación psicológica contemporánea; discutir las convergencias y tensiones paradigmáticas presentes en la articulación entre rigor metodológico, subjetividad y validez científica; y examinar los desafíos formativos y éticos enfrentados por docentes y estudiantes en la construcción de diseños de investigación coherentes en las instituciones de educación superior. Metodológicamente, se trata de un estudio teórico-conceptual, de naturaleza bibliográfica y hermenéutico-crítica, sustentado en la revisión y el análisis profundo de obras de referencia internacional y contemporánea en el dominio de la epistemología y metodología de la investigación en Psicología. Los resultados del análisis evidencian que la dicotomía rígida entre cuantificación y comprensión cualitativa cede progresivamente lugar al pluralismo metodológico, al pragmatismo crítico y a la triangulación rigurosa, siempre que se salvaguarde la vigilancia epistemológica y la coherencia entre objeto, problema y método. Se concluye que la superación del dogmatismo metodológico fortalece la madurez científica de la Psicología académica, promoviendo investigaciones socialmente relevantes, éticamente responsables y epistemologicamente consistentes ante la complejidad de los fenómenos psicológicos humanos.

Palabras clave: Epistemología de la Psicología. Metodologia Científica. Pluralismo Metodológico. Investigación Académica. Subjetividad.

1 INTRODUÇÃO

A investigação científica em Psicologia constitui, desde a institucionalização formal da disciplina como ciência autónoma nos finais do século XIX — assinalada historicamente pela fundação do laboratório de Wilhelm Wundt em Leipzig em 1879 —, um território profundamente dinâmico e permanentemente marcado por intensas disputas paradigmáticas, ontológicas, epistemológicas e axiológicas. Diferentemente das ciências naturais clássicas, cujo objeto de estudo empírico e material se deixa apreender com relativa estabilidade e previsibilidade por meio da experimentação controlada, da mensuração de grandezas físicas e da formalização matemática estrito senso, a Psicologia debruça-se sobre um objeto de estudo singularmente complexo, multifacetado e irredutível: o psiquismo humano, a subjetividade individual e social, o comportamento observável, os processos cognitivos, afetivos, inconscientes, relacionais e histórico-culturais que configuram a experiência humana em permanente e ininterrupta transformação (GONZÁLEZ REY, 2017; VALSINER, 2019; VIGOTSKI, 2018). Essa singularidade ontológica e epistemológica do fenómeno psicológico impõe desafios permanentes aos investigadores inseridos no espaço universitário e académico, suscitando interrogações fundamentais, prementes e inconclusas sobre o que significa, em termos rigorosos, produzir conhecimento científico válido, fiável, rigoroso e socialmente pertinente no domínio da Psicologia.

No cenário do ensino superior e da investigação académica contemporânea, a formação de novos investigadores — desde os trabalhos de conclusão de curso na graduação até às dissertações de mestrado e teses de doutoramento — reflete de maneira direta e por vezes dolorosa as tensões históricas acumuladas ao longo da evolução epistemológica da disciplina. Observa-se com acentuada frequência, nos corredores universitários, nas comissões de avaliação de projetos, nas bancas de defesa académica e nos periódicos científicos de alto impacto, a reprodução de uma polarização metodológica redutora. Tal polarização tende a opor, de forma quase intransigente e dicotómica, os defensores exclusivos dos desenhos experimentais, psicométricos, quantitativos e estatísticos de um lado, e os proponentes das abordagens qualitativas, fenomenológicas, hermenêuticas, etnográficas, discursivas e construtivo-interpretativas de outro (FLICK, 2018; CRESWELL; CRESWELL, 2021; DENZIN; LINCOLN, 2018). Essa clivagem, frequentemente interiorizada de modo acrítico nos currículos de formação em Psicologia, acarreta consequências indesejáveis: transforma opções metodológicas

estritamente instrumentais em adesões doutrinárias rígidas, empobrece a imaginação científica dos estudantes, restringe o horizonte de investigação e compromete a adequação fundamental entre a natureza do problema de pesquisa formulado e os procedimentos empíricos e analíticos adotados para investigá-lo.

Conforme adverte pertinentemente Jaan Valsiner (2017, 2019), um dos teóricos mais lúcidos da psicologia cultural e metodológica contemporânea, a investigação psicológica contemporânea corre constantemente o risco de cair numa armadilha intelectual que denomina de «metodolatria» — isto é, a subordinação acrítica, dogmática e cega do pensamento teórico, da intuição fenomenológica e da curiosidade investigativa a protocolos técnicos estandardizados e pacotes estatísticos pré-fabricados. Sempre que o método passa a ser concebido como um fim em si mesmo, desvinculado da reflexão ontológica e teórica sobre o fenómeno estudado, a ciência psicológica empobrece-se e afasta-se da realidade viva que pretende compreender. Em sentido perfeitamente convergente, Fernando González Rey e Albertina Mitjáns Martínez (2017) sublinham com vigor que a redução da metodologia científica à aplicação mecânica e descontextualizada de instrumentos padronizados e testes estatísticos estéreis elimina o caráter ativo, dialógico, dinâmico e construtivo-interpretativo inerente à produção do conhecimento psicológico, reduzindo o sujeito humano pesquisado a um mero fornecedor passivo de dados quantificados e respostas isoladas.

Por outro lado, é imperativo reconhecer que o polo oposto — consubstanciado no abandono do rigor sistemático, da transparência metodológica e da sistematização empírica sob o pretexto difuso de valorizar a subjetividade — conduz igualmente a fragilidades graves e inaceitáveis no rigor académico. Entre tais fragilidades destacam-se o impressionismo descritivo ingénuo, a ausência de auditabilidade nos procedimentos de recolha e tratamento de dados, a fragilidade na sustentação da argumentação empírica e a consequente incapacidade de dialogar criticamente com a comunidade científica internacional e com os critérios contemporâneos de integridade científica (LEVITT et al., 2018; BRAUN; CLARKE, 2022; TRACY, 2020). Entre o cientificismo positivista estreito, que absolutiza a mensuração numérica, e o relativismo metodológico desprovido de critérios de validação e coerência, emerge com urgência a necessidade epistemológica de construir espaços de diálogo fecundo, aprofundado e crítico que permitam decifrar tanto as convergências quanto as divergências legítimas entre as diferentes tradições de pesquisa.

Diante deste diagnóstico problematizador, o presente estudo formula a seguinte questão central de investigação: *de que maneira os diálogos e as divergências metodológicas entre as distintas tradições investigativas da Psicologia contemporânea configuram a produção do conhecimento científico no contexto académico e quais os caminhos epistemológicos que permitem superar o dogmatismo metodológico sem abdicar do rigor científico?*

Para responder a esta inquietação central, estabelece-se como objetivo geral *contribuir* para o aprofundamento crítico, sistemático e epistemologicamente fundamentado sobre os fundamentos, diálogos e divergências metodológicas que atravessam a investigação científica em Psicologia no contexto académico contemporâneo. A partir deste propósito axial, desdobram-se três objetivos específicos densificados: (1) analisar exaustivamente os pressupostos epistemológicos, ontológicos e histórico-genéticos que sustentam as abordagens quantitativas, qualitativas e mistas na investigação psicológica contemporânea, explicitando as suas matrizes filosóficas de origem; (2) discutir as convergências e tensões paradigmáticas presentes na articulação entre rigor metodológico, subjetividade humana, generalização idiográfica e critérios contemporâneos de validade científica; e (3) examinar criticamente os desafios formativos, institucionais, culturais e éticos enfrentados por docentes, orientadores e estudantes na construção de desenhos de pesquisa coerentes, pluralistas e socialmente relevantes nas instituições de ensino superior.

Metodologicamente, este trabalho caracteriza-se como um estudo teórico-conceptual, de natureza bibliográfica e abordagem hermenêutico-crítica (DEMO, 2015; MINAYO, 2019; SEVERINO, 2017). O corpus bibliográfico analisado foi selecionado com rigor crítico, privilegiando obras fundamentais e artigos publicados em periódicos de prestígio internacional por autores contemporâneos de referência incontestável no domínio da epistemologia, filosofia da ciência e metodologia da investigação em Psicologia e Ciências Humanas — destacando-se Jaan Valsiner, Fernando González Rey, Albertina Mitjáns Martínez, Uwe Flick, John W. Creswell, Virginia Braun, Victoria Clarke, Heidi M. Levitt, Ruthellen Josselson, Michael Quinn Patton, Norman K. Denzin, Yvonna S. Lincoln, Maria Cecília de Souza Minayo e Boaventura de Sousa Santos —, articulados com referências clássicas indispensáveis para a compreensão genética e histórica das controvérsias metodológicas.

A relevância teórica, prática e social deste estudo justifica-se plenamente tanto no plano epistemológico quanto no plano pedagógico e institucional, revestindo-se de particular

significado para as universidades inseridas em contextos de forte expansão e consolidação da investigação científica, como ocorre no espaço académico angolano e lusófono. Ao proporcionar uma cartografia densa, crítica e rigorosa dos debates metodológicos atuais, o presente artigo almeja fornecer subsídios conceituais sólidos para que professores, orientadores e estudantes desenvolvam maior autonomia intelectual, discernimento crítico e rigor ético-metodológico na conceção, desenho e execução dos seus projetos de investigação em Psicologia.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: DIÁLOGOS, RAÍZES E DIVERGÊNCIAS METODOLÓGICAS EM PSICOLOGIA

A investigação científica não constitui um conjunto de técnicas neutras ou de receitas mecânicas aplicáveis de forma universal; pelo contrário, toda e qualquer escolha metodológica no interior da ciência psicológica repousa sobre premissas filosóficas profundas. Conforme argumentam Lincoln, Lynham e Guba (2018) e Creswell e Poth (2018), qualquer desenho de investigação pressupõe, de modo incontornável, tomadas de posição ontológicas (que definem a natureza da realidade estudada), epistemológicas (que determinam a relação entre o sujeito que conhece e o objeto conhecido) e axiológicas (que explicitam o papel dos valores, da ética e da política no ato de investigar). Na Psicologia contemporânea, a compreensão dos diálogos e divergências entre as abordagens quantitativas, qualitativas e mistas exige, antes de mais, desnaturalizar as ferramentas de pesquisa e reconduzi-las aos paradigmas epistemológicos que lhes conferem legitimidade e sentido.

2.1 Raízes Históricas e Epistemológicas: O Debate Fundacional entre Erklären e Verstehen

A fratura metodológica e paradigmática que atravessa a Psicologia contemporânea possui raízes históricas profundas fincadas na viragem do século XIX para o século XX, ecoando diretamente o célebre debate filosófico e epistemológico germânico acerca da contraposição entre a aspiração nomotética de explicação causal (*Erklären*), defendida pelas ciências naturais, e a perspetiva idiográfica de compreensão hermenêutica (*Verstehen*), rigorosamente preconizada por pensadores como Wilhelm Dilthey, Heinrich Rickert e Wilhelm Windelband no âmbito das ciências do espírito (*Geisteswissenschaften*) (DILTHEY, 2010; WINDELBAND, 2015). Enquanto a primeira matriz epistemológica postulava que o conhecimento científico legítimo exigia a matematização rigorosa do real empírico, o controlo experimental estrito de laboratório e

a eliminação sistemática da subjetividade do observador, a segunda matriz argumentava com veemência que os fenómenos humanos, psicológicos, sociais e culturais são radicalmente impregnados de sentido, intencionalidade, significado e historicidade, exigindo métodos qualitativo-interpretativos capazes de captar a textura viva, densa e irrepetível da experiência humana vivida (GADAMER, 2012; RICOEUR, 2016).

Quando Wilhelm Wundt estabeleceu institucionalmente o primeiro laboratório de psicologia experimental em Leipzig, no ano de 1879, procurou legitimar a nova disciplina sob o estatuto epistemológico das ciências naturais no que concerne aos processos elementares e inferiores da sensação, da perceção e do tempo de reação fisiológica. Contudo, o próprio Wundt reconheceu de forma perspicaz que os processos superiores da mente humana — tais como a linguagem articulada, o mito, a religião, a cultura, a história e a moralidade — escapavam por completo aos limites estritos da experimentação de laboratório, exigindo para o seu estudo uma psicologia dos povos complementar, de cariz histórico-cultural (*Völkerpsychologie*) (WUNDT, 2013). Essa cisão genética inaugural deu origem à fratura histórica persistente entre uma Psicologia orientada exclusivamente para a mensuração nomotética, estatística e quantitativa, e uma Psicologia orientada para a compreensão idiográfica, qualitativa e hermenêutica, cujos ecos e tensões continuam a moldar intensamente os debates académicos contemporâneos sobre a validade do conhecimento científico.

2.2 A Tradição Pós-Positivista e a Sofisticação Contemporânea da Mensuração Quantitativa

A herança do positivismo lógico do Círculo de Viena e do seu herdeiro crítico, o pós-positivismo, exerceu um papel absolutamente decisivo na legitimação institucional da Psicologia como disciplina académica moderna, com forte implantação nos sistemas universitários ocidentais. Inspirada abertamente no modelo metodológico das ciências físico-matemáticas e biológicas, esta matriz epistemológica assenta numa ontologia realista crítica — segundo a qual os fenómenos psicológicos, embora complexos, possuem uma existência objetiva e regularidades empíricas passíveis de observação sistemática, mensuração padronizada, controlo experimental e formulação de leis probabilísticas de predição — e numa epistemologia objetivista que postula a necessidade de distanciamento metódico entre o investigador e o objeto de estudo para

salvaguardar a neutralidade axiológica (POPPER, 2013; SHADISH; COOK; CAMPBELL, 2015; FIELD, 2020).

No panorama da ciência contemporânea, o positivismo ingénuo do século XIX foi profundamente superado pelo pós-positivismo crítico, o qual reconhece abertamente o caráter falível, provisório e probabilístico de todo o conhecimento científico, admite que toda observação empírica é densamente carregada de teoria (*theory-laden*) e substitui a busca quimérica de verdades absolutas pelo princípio falsificacionista de conjeturas e refutações, pela exigência rigorosa de replicabilidade interlaboratorial e pelo controlo estatístico sofisticado de fontes potenciais de erro e viés (CRESWELL; CRESWELL, 2021; LAKENS, 2022). Nesse horizonte de elevado rigor formal, os métodos quantitativos em Psicologia — abrangendo os desenhos experimentais e quase-experimentais estritos, os estudos correlacionais e longitudinais de coorte, bem como a investigação psicométrica avançada para a construção e validação de escalas de medida — alcançaram um grau espetacular de sofisticação matemática e computacional (HAIR et al., 2019; FIELD, 2020).

Atualmente, a investigação quantitativa de vanguarda incorpora modelagem de equações estruturais complexas, análise estatística multinível para dados hierárquicos, teoria de resposta ao item, algoritmos de machine learning aplicados ao comportamento e meta-analises de grande escala que sintetizam milhares de estudos empíricos internacionais. Conforme salienta Field (2020), a força heurística e o poder explicativo da abordagem quantitativa contemporânea residem na sua capacidade incomparável de identificar padrões nomotéticos de grande escala populacional, testar hipóteses causais complexas sob condições de controlo rigoroso, estimar com precisão matemática os tamanhos de efeito (*effect sizes*) e avaliar a exatidão psicométrica de instrumentos de diagnóstico clínico e educacional.

Contudo, os limites epistemológicos e teóricos da quantificação tornam-se agudamente evidentes sempre que o pesquisador recai na reificação de construtos teóricos abstratos, confundindo o escore numérico obtido num teste estandardizado com a totalidade viva, dinámica e irredutível do processo psicológico concretamente vivido pelo sujeito humano em seu contexto cultural (VALSINER, 2017, p. 42; TOOMELA, 2014). A este respeito, Jaan Valsiner (2017, 2019) e Aaro Toomela (2014) formularam advertências epistemológicas cruciais ao denunciarem a incidência da chamada «falácia ergódica» na investigação quantitativa em Psicologia. Esta falácia consiste no erro metodológico grave de assumir aprioristicamente que as regularidades

estatísticas obtidas mediante a agregação de dados interindividuais em amostras transversais homogéneas refletem fidedignamente os processos intraindividuais dinâmicos que operam no tempo irreversível da ontogénese e do desenvolvimento psíquico de cada indivíduo singular. Quando a pesquisa académica substitui o estudo genético e longitudinal dos processos mentais pela correlação estática entre variáveis descontextualizadas, o psiquismo humano corre o risco de ser dissolvido em meros artefactos estatísticos que nada revelam sobre a sua verdadeira génese e funcionamento.

2.3 O Giro Interpretativo, Construtivo-Hermenêutico e o Estatuto das Abordagens Qualitativas

Em contraponto crítico à hegemonia historicamente exercida pelo modelo quantitativo-experimental, consolidou-se nas últimas décadas no seio da academia internacional um vigoroso movimento de afirmação e legitimação epistemológica das metodologias qualitativas em Psicologia. Este movimento ancorou-se num vasto leque de matrizes filosóficas de alta densidade, tais como a fenomenologia filosófica e existencial de Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty, a hermenêutica filosófica de Gadamer e Paul Ricoeur, o construcionismo social de Kenneth Gergen, a psicologia histórico-cultural de Vigotski, Leontiev e Luria, e a epistemologia qualitativa de matriz latino-europeia desenvolvida por Fernando González Rey e Albertina Mitjáns Martínez (DENZIN; LINCOLN, 2018; FLICK, 2018; GONZÁLEZ REY; MITJÁNS MARTÍNEZ, 2017).

Do ponto de vista ontológico, as abordagens qualitativas contemporâneas recusam frontalmente a conceção da realidade psicológica como uma entidade estática, dada *a priori*, externa ao sujeito e passível de fragmentação em variáveis isoladas e estáticas. Pelo contrário, os fenómenos psicológicos são concebidos ontologicamente como processos simbólico-emocionais complexos, multideterminados, historicamente situados, culturalmente mediados e incessantemente construídos e reconstruídos nas práticas discursivas e interações sociais cotidianas (GERGEN, 2015; BRUNER, 2014; VALSINER, 2019). No plano epistemológico, assume-se de forma inegociável que o conhecimento psicológico não é um reflexo especular de uma realidade exterior pronta, mas sim o resultado de uma produção conjunta, intersubjetiva e dialógica entre o investigador e os participantes da pesquisa. Nesta perspetiva, a reflexividade do pesquisador — isto é, a consciencialização crítica e o escrutínio permanente do seu próprio papel,

história, perspetivas e afetos no processo de pesquisa — deixa de ser encarada como um «viés subjetivo a ser eliminado» para se converter num recurso epistémico central e incontornável de validação científica (BRAUN; CLARKE, 2022; WILLIG, 2017).

No âmbito da Psicologia académica contemporânea, o campo qualitativo estruturou-se através de abordagens metodológicas altamente sistematizadas e rigorosas, entre as quais se destacam com máximo relevo:

(a) **A Análise Fenomenológica Interpretativa (IPA)**, desenvolvida por Jonathan Smith, Paul Flowers e Michael Larkin (2021), a qual se dedica ao exame minucioso e idiográfico de como os indivíduos atribuem sentido pessoal e existencial às suas vivências de transição, saúde e sofrimento, ancorando-se na fenomenologia e na hermenêutica.

(b) **A Análise Temática Reflexiva**, vigorosamente sistematizada por Virginia Braun e Victoria Clarke (2019, 2022), a qual rompe corajosamente com as formas empiristas e positivistas disfarçadas de análise de conteúdo tradicional, sublinhando que os temas de investigação não «jazem» passivamente nos dados à espera de serem descobertos, mas são ativamente gerados pelo investigador através de um processo reflexivo, rigoroso, criativo e teoricamente informado.

(c) **A Teoria Fundamentada nos Dados (*Grounded Theory*)**, particularmente em sua vertente construtivista liderada por Kathy Charmaz (2014), orientada para a construção indutiva e abdutiva de conceitos e modelos teóricos densos diretamente enraizados nos dados empíricos recolhidos sistematicamente no campo.

(d) **A Epistemologia Qualitativa e o Método Construtivo-Interpretativo**, formulados por Fernando González Rey (2017) e González Rey e Mitjáns Martínez (2017), os quais representam uma das contribuições mais sofisticadas da psicologia ibero-americana contemporânea. Esta perspetiva define a investigação não como um roteiro rígido de recolha de dados, mas como um processo contínuo de construção teórica alicerçado na criação progressiva de indicadores e hipóteses interpretativas sobre a subjetividade individual e social, concebida em termos de redes de sentido e emoção.

2.4 A Emergência dos Métodos Mistos e o Pragmatismo Epistemológico Contemporâneo

Diante dos impasses estéreis gerados pelas chamadas «guerras paradigmáticas» (*paradigm wars*) que opositavam de forma dogmática o quantitativo e o qualitativo nas décadas

finais do século XX, consolidou-se firmemente no século XXI o movimento internacional dos **Métodos Mistos (*Mixed Methods Research*)**, amplamente reconhecido como a «terceira onda» ou o «terceiro grande movimento metodológico» nas ciências sociais, humanas e da saúde (TASHAKKORI; JOHNSON; TEDDLIE, 2020; CRESWELL; PLANO CLARK, 2018). Epistemologicamente sustentados pelo **pragmatismo filosófico contemporâneo** — cujas raízes clássicas remontam a John Dewey, William James e Charles Sanders Peirce (DEWEY, 2010; MORGAN, 2014) — ou pelo **realismo crítico** de Roy Bhaskar e Joseph Maxwell (MAXWELL, 2012), os defensores dos métodos mistos argumentam com lucidez que a pergunta de investigação e a complexidade do objeto de estudo devem ocupar o lugar central e soberano na conceção do desenho metodológico, superando a subordinação dogmática e apriorística a um único paradigma filosófico excludente.

Arquiteturas complexas de investigação desenvolvidas por John W. Creswell, Vicki L. Plano Clark, Michael D. Fetters e outros expoentes — tais como os **desenhos convergentes paralelos** (recolha simultânea e integração analítica de dados quantitativos e qualitativos), os **desenhos explanatórios sequenciais** (onde os resultados quantitativos iniciais são aprofundados, explicados e iluminados por etapas qualitativas subsequentes) e os **desenhos exploratórios sequenciais** (onde a exploração qualitativa preliminar fundamenta a construção rigorosa de instrumentos quantitativos culturalmente sensíveis) — têm demonstrado uma fecundidade notável em domínios cruciais da Psicologia contemporânea, como a Psicologia da saúde, a Psicologia educacional, a Psicologia clínica baseada em evidências e a avaliação de programas comunitários (CRESWELL; PLANO CLARK, 2018; FETTERS, 2020).

Não obstante, a implementação académica de métodos mistos exige extremo rigor epistemológico e analítico. Como adverte Uwe Flick (2018) e Denzin (2012), misturar superficialmente um questionário estandardizado de survey com meia dúzia de entrevistas abertas sem uma verdadeira articulação teórica e integração dialética dos dados não constitui um estudo de métodos mistos legítimo, resultando apenas numa justaposição burocrática de técnicas desconexas. O Quadro 1 sintetiza com precisão comparativa estas grandes matrizes metodológicas na Psicologia atual:

Quadro 1 – Síntese comparativa das matrizes metodológicas na investigação em Psicologia contemporânea

Dimensão Analítica	Abordagem Quantitativa	Abordagem Qualitativa	Métodos Mistos
Pressuposto Ontológico	Realismo crítico e objetivo; regularidades empíricas mensuráveis e causais.	Realidade psicológica múltipla, simbólica, histórica e culturalmente situada.	Realidade estratificada, comportando dimensões mensuráveis e significados vividos.
Relação Sujeito-Objeto	Distanciamento metódico, objetividade procedimental e controlo de variáveis.	Interação dialógica, intersubjetiva; reflexividade como recurso epistémico.	Articulação dialética entre distanciamento analítico e implicação dialógica.
Lógica Predominante	Hipotético-dedutiva, confirmatória, probabilística e nomotética.	Indutiva, abdutiva, compreensiva, idiográfica e construtivo-interpretativa.	Pluralista, complementar, sequencial ou convergente orientada pelo problema.
Critérios de Qualidade	Validade interna/externa, fidedignidade, replicabilidade e poder estatístico.	Credibilidade, transferibilidade, confirmabilidade e integridade metodológica.	Qualidade da inferência integrada e rigor específico de cada componente.

3 CONVERGÊNCIAS E TENSÕES PARADIGMÁTICAS: RIGOR, SUBJETIVIDADE E VALIDADE CIENTÍFICA

O segundo eixo analítico estruturante deste artigo dedica-se a examinar com profundidade crítica as convergências e as tensões paradigmáticas que emergem inexoravelmente no espaço académico quando a Psicologia procura articular três exigências metodológicas cruciais e frequentemente tratadas como inconciliáveis: o rigor metodológico formal, o reconhecimento inalienável da subjetividade humana e a garantia legítima de validade científica.

3.1 A Crise da Replicabilidade e a Revolução Crítica do Movimento da Ciência Aberta

A última década impôs à comunidade científica internacional da Psicologia uma severa e salutares reflexão crítica em virtude da eclosão da chamada **crise da replicabilidade** (*replication crisis*). Esta crise foi desencadeada por ambiciosos projetos colaborativos transnacionais que demonstraram cabalmente que uma proporção alarmante de estudos clássicos e publicados em periódicos de altíssimo fator de impacto na Psicologia social e cognitiva falhava rotundamente ao ser submetida a tentativas independentes de replicação empírica (OPEN SCIENCE COLLABORATION, 2015; NOSEK et al., 2022). Esse abalo sísmico epistemológico expôs fragilidades estruturais e metodológicas profundas na tradição quantitativa, tais como o

recurso sistemático ao *p-hacking* (a manipulação iterativa de análises estatísticas até alcançar o limiar mágico de significância $p < 0.05$), a prática condenável do *HARKing* (*Hypothesizing After the Results are Known*), o viés institucional de publicação quase exclusiva de resultados positivos espetaculares, e a utilização reiterada de amostras hiper-restritas e homogéneas — as célebres populações WEIRD (*Western, Educated, Industrialized, Rich, and Democratic*), criticadas por Henrich, Heine e Norenzayan (2010) por representarem apenas uma fração ínfima e atípica da diversidade da espécie humana.

Como resposta direta, estruturada e corajosa a esta crise institucional, emergiu com força incontestável o movimento global da **Ciência Aberta (*Open Science*)**, liderado por investigadores proeminentes como Brian Nosek, Daniël Lakens e Simine Vazire. Este movimento preconiza e institucionaliza práticas rigurosas como o pré-registo público de hipóteses e planos analíticos antes da recolha de dados, a partilha pública e aberta de bases de dados anónimas e códigos de programação estatística, a substituição da tirania cega do valor-p pela estimação rigorosa de tamanhos de efeito e intervalos de confiança, e a valorização académica de estudos de replicação direta e conceptual em larga escala (NOSEK et al., 2022; LAKENS, 2022). Esta profunda autocrítica empreendida no seio do próprio campo quantitativo demonstra de forma eloquente que o verdadeiro rigor científico não reside na ostentação formal de fórmulas matemáticas, mas na transparência ética, na honestidade intelectual e na robustez lógica do raciocínio inferencial.

3.2 A Integridade Metodológica e os Critérios de Qualidade na Investigação Qualitativa

Em perfeita sintonia com a busca de rigor no espaço académico, o campo da investigação qualitativa em Psicologia desenvolveu um esforço sistemático e admirável para superar a falsa dicotomia que opunha uma suposta «objetividade rigorosa» (atribuída de forma ingénua aos números) a um «subjetivismo arbitrário» (injustamente imputado à palavra e ao texto). Autores de referência contemporânea como Heidi M. Levitt e colaboradores (2017, 2018), encarregues da formulação das diretrizes oficiais da *American Psychological Association* (APA) para a publicação de pesquisas qualitativas (*Journal Article Reporting Standards* – JARS-Qual), introduziram o conceito unificador de **integridade metodológica (*methodological integrity*)**.

De acordo com Levitt et al. (2018), a integridade metodológica na pesquisa qualitativa apoia-se em dois pilares fundamentais: (a) a **fidelidade ao objeto de estudo (*fidelity to the subject matter*)**, que expressa a capacidade do investigador de preservar e respeitar a complexidade, as subtilezas, as contradições e a riqueza contextual do fenómeno psicológico investigado, mantendo uma escuta aberta e rigorosa e gerindo criticamente a sua própria subjetividade por via da reflexividade; e (b) a **utilidade no alcance dos objetivos (*utility in achieving goals*)**, que atesta a coerência interna impecável entre o desenho da pesquisa, as estratégias de amostragem teórica baseada em saturação de significado, os procedimentos analíticos e a relevância das contribuições teóricas ou práticas geradas para a disciplina (HENNINK; KAISER, 2022).

Corroborando esta perspetiva, Virginia Braun, Victoria Clarke (2022) e Sarah J. Tracy (2010, 2020) sustentam que a excelência e a validade de um estudo qualitativo em Psicologia não devem jamais ser avaliadas mediante a importação acrítica e mecânica de critérios positivistas alheios — tais como a concordância estatística interavaliadores baseada no coeficiente *kappa*, que pressupõe erradamente a existência de uma «verdade única e unívoca» escondida nos dados textualizados —, mas sim através de critérios próprios de rigor, tais como a credibilidade interpretativa, a transferibilidade contextual, a confirmabilidade, a ressonância ética, a saturação de significado e a transparência auditável de todo o percurso analítico.

3.3 A Superação do Dilema da Generalização: Generalização Idiográfica e Pluralismo Crítico

Um dos nós górdios mais complexos e debatidos na epistemologia da Psicologia contemporânea diz respeito ao problema da **generalização** e ao estatuto científico da **subjetividade**. Na tradição estatística nomotética clássica, generalizar significa inferir parâmetros de uma população a partir de uma amostra probabilística representativa. Contudo, como demonstra magistralmente Jaan Valsiner (2017, 2019) ao atualizar a herança idiográfica de Wilhelm Windelband e Gordon Allport, na ciência psicológica o conhecimento universal sobre os princípios fundamentais do funcionamento psíquico humano não se obtém mediante a média aritmética fria de milhares de indivíduos descontextualizados, mas sim através do estudo microgenético, sistêmico e aprofundado da arquitetura estrutural de casos singulares no fluxo

irreversível do tempo — aquilo que a metodologia contemporânea denomina **generalização idiográfica** ou **generalização analítica** (YIN, 2018; VALSINER, 2019).

Nessa mesma direção, Fernando González Rey (2017) postula que a singularidade do caso não constitui uma anomalia metodológica a ser eliminada, mas a própria expressão empírica onde a complexidade da subjetividade humana se manifesta em toda a sua riqueza. O diálogo fecundo entre abordagens na Psicologia académica não requer a dissolução das fronteiras epistemológicas num ecletismo ingénuo e desprovido de critério, mas sim a prática consistente de um **pluralismo metodológico crítico** (PATTON, 2015; FLICK, 2018). Neste pluralismo, compreende-se que as diferentes tradições investigativas iluminam facetas complementares e irredutíveis da complexidade psíquica: enquanto os métodos quantitativos mapeiam regularidades nomotéticas e macroestruturais, os métodos qualitativos decifram a trama microgenética dos sentidos subjetivos e das experiências vividas que tornam aquelas regularidades humanamente inteligíveis.

4 DESAFIOS FORMATIVOS, INSTITUCIONAIS E ÉTICOS DA INVESTIGAÇÃO PSICOLÓGICA NO CONTEXTO ACADÉMICO

O terceiro objetivo específico deste artigo centra-se no escrutínio rigoroso dos desafios formativos, institucionais, culturais e éticos que condicionam quotidianamente a prática investigativa de docentes, orientadores e estudantes no interior das universidades contemporâneas. A metodologia científica não constitui uma atividade assética operando num vácuo social abstrato; ela materializa-se em planos curriculares, diretrizes regulamentares, comités de ética, culturas de orientação académica e condições materiais concretas de produção intelectual.

4.1 A Formação Metodológica nos Currículos Universitários: Superando o Tecnicismo

Um diagnóstico crítico largamente documentado na literatura internacional sobre o ensino superior em Psicologia aponta para a persistência de uma formação metodológica fragmentada, compartimentada e excessivamente tecnicista (DEMO, 2015; SEVERINO, 2017; MINAYO, 2019). Nos currículos de muitas graduações e pós-graduações, as disciplinas de Epistemologia e História da Psicologia encontram-se perfeitamente isoladas e divorciadas das unidades curriculares de Estatística, Psicometria e Metodologia da Pesquisa. Como consequência nefasta

dessa cisão pedagógica, os estudantes aprendem frequentemente a operar pacotes estatísticos ou a executar guiões de entrevista de forma puramente instrumental e mecânica, sem jamais compreenderem os fundamentos filosóficos, ontológicos e políticos que sustentam tais procedimentos nem a sua verdadeira adequação ao problema investigado.

Esse défice formativo gera dois desvios académicos recorrentes: o formalismo burocrático na elaboração de projetos — onde o estudante escolhe o método por mero automatismo antes de formular criticamente o seu objeto teórico — e a ansiedade metodológica paralisante, que afasta os jovens investigadores de abordagens complexas por insegurança analítica. Superar este cenário exige promover uma vigorosa **literacia epistemológica e metodológica crítica** nos currículos universitários (CRESWELL; POTH, 2018; FLICK, 2018).

4.2 Assimetrias Institucionais, Contextos de Consolidação e Epistemologias do Sul

No âmbito do espaço académico, a relação de orientação científica constitui o vetor primordial de socialização profissional. Contudo, em universidades inseridas em contextos de consolidação científica — como ocorre em Angola e no vasto panorama do Sul Global —, somam-se desafios estruturais severos: a escassez de recursos laboratoriais, a dificuldade de acesso a bases de dados internacionais de alto custo, a necessidade premente de validar instrumentos psicológicos culturalmente adaptados às realidades locais e o desafio de superar a importação acrítica de modelos teóricos euro-americanos que ignoram as especificidades socioculturais locais (SANTOS, 2018; HENRICH; HEINE; NORENZAYAN, 2010).

Conforme sublinha Boaventura de Sousa Santos (2018) com a formulação das *Epistemologias do Sul*, a emancipação e a maturidade científica da investigação académica exigem o reconhecimento da ecologia dos saberes, a contextualização rigorosa dos instrumentos investigativos e a recusa de qualquer forma de imperialismo cognitivo. Na Psicologia, isto traduz-se na urgência absoluta de forjar metodologias participativas, culturalmente sensíveis e dialogicamente enraizadas nas comunidades e instituições onde o psiquismo humano concretamente se desenvolve e sofre (MINAYO, 2019; MONTERO, 2012).

4.3 Ética Relacional, Reflexividade e o Combate ao Burocratismo Académico

Por fim, a investigação em Psicologia é intrinsecamente indissociável da exigência ética. Embora a criação de comités de ética tenha constituído um avanço incontestável na proteção dos

participantes (APA, 2017; FLICK, 2018), a comunidade académica alerta para o risco da **burocratização da ética**, quando a responsabilidade do investigador se reduz simploriamente à obtenção formal de assinaturas num documento de consentimento (GUILLEMIN; GILLAM, 2004). Lidando com populações vulneráveis, traumas e sofrimento psíquico, a pesquisa psicológica exige o cultivo constante de uma **ética relacional e reflexiva em campo**, capaz de monitorizar dilemas imprevistos, assegurar o suporte psicossocial adequado, garantir a anonimização rigorosa e restituir com utilidade social os resultados às comunidades investigadas (JOSSLELSON, 2013; MINAYO, 2019).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teórico-conceptual cumpriu integralmente o objetivo geral delineado, contribuindo de forma sistemática e epistemologicamente densificada para o aprofundamento crítico sobre os fundamentos, diálogos e divergências metodológicas que estruturam a investigação científica em Psicologia no contexto académico contemporâneo. Através da análise exaustiva das matrizes quantitativas, qualitativas e de métodos mistos, evidenciou-se que a superação do dogmatismo metodológico e da rigidez paradigmática fortalece de maneira decisiva a maturidade científica, a autonomia intelectual e a relevância social da disciplina académica. Cultivar o pluralismo crítico e a vigilância epistemológica nas universidades representa, em última análise, a condição sine qua non para que a investigação psicológica produza conhecimento rigoroso, ético e profundamente comprometido com a complexidade inesgotável da experiência humana.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION. **Ethical principles of psychologists and code of conduct**. Washington, DC: APA, 2017.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Reflecting on reflexive thematic analysis. **Qualitative Research in Sport, Exercise and Health**, London, v. 11, n. 4, p. 589-597, 2019.

BRAUN, V.; CLARKE, V. **Thematic analysis**: a practical guide. London: SAGE Publications, 2022.

BRUNER, J. **Atos de significação**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

CHARMAZ, K. **Constructing grounded theory**. 2. ed. London: SAGE Publications, 2014.

CRESWELL, J. W.; CRESWELL, J. D. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2021.

CRESWELL, J. W.; PLANO CLARK, V. L. **Designing and conducting mixed methods research**. 3. ed. Thousand Oaks: SAGE Publications, 2018.

CRESWELL, J. W.; POTH, C. N. **Qualitative inquiry and research design**: choosing among five approaches. 4. ed. Thousand Oaks: SAGE Publications, 2018.

DEMO, P. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2015.

DENZIN, N. K. Triangulation 2.0. **Journal of Mixed Methods Research**, Thousand Oaks, v. 6, n. 2, p. 80-88, 2012.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (org.). **The SAGE handbook of qualitative research**. 5. ed. Thousand Oaks: SAGE Publications, 2018.

DEWEY, J. **How we think**. New York: D. C. Heath & Co., 2010.

DILTHEY, W. **A construção do mundo histórico nas ciências do espírito**. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

FETTERS, M. D. **The mixed methods research workbook**: activities for designing, implementing, and publishing projects. Thousand Oaks: SAGE Publications, 2020.

FIELD, A. **Descobrindo a estatística usando o SPSS**. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2020.

FLICK, U. **An introduction to qualitative research**. 6. ed. London: SAGE Publications, 2018.

GADAMER, H.-G. **Verdade e método**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

GERGEN, K. J. **An invitation to social construction**. 3. ed. London: SAGE Publications, 2015.

GONZÁLEZ REY, F. **Subjetividade, cultura e desenvolvimento humano**: uma abordagem histórico-cultural. Campinas: Alínea, 2017.

GONZÁLEZ REY, F.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A. **Subjetividade**: teoria, epistemologia e método. Campinas: Alínea, 2017.

GUILLEMIN, M.; GILLAM, L. Ethics, reflexivity, and «ethically important moments» in research. **Qualitative Inquiry**, Thousand Oaks, v. 10, n. 2, p. 261-280, 2004.

HAIR, J. F. et al. **Multivariate data analysis**. 8. ed. Hampshire: Cengage Learning, 2019.

HENNINK, M.; KAISER, B. N. Sample sizes for saturation in qualitative research: a systematic review of empirical tests. **Social Science & Medicine**, Oxford, v. 292, p. 114523, 2022.

HENRICH, J.; HEINE, S. J.; NORENZAYAN, A. The weirdest people in the world? **Behavioral and Brain Sciences**, Cambridge, v. 33, n. 2-3, p. 61-83, 2010.

JOSSLELSON, R. **Interviewing for qualitative inquiry**: a relational approach. New York: The Guilford Press, 2013.

LAKENS, D. Sample size justification. **Collabra: Psychology**, Oakland, v. 8, n. 1, p. 33267, 2022.

LEVITT, H. M. et al. Recommendations for designing and reviewing qualitative research in psychology: promoting methodological integrity. **Qualitative Psychology**, Washington, DC, v. 4, n. 1, p. 2-22, 2017.

LEVITT, H. M. et al. Journal article reporting standards for qualitative primary, qualitative meta-analytic, and mixed methods research in psychology. **American Psychologist**, Washington, DC, v. 73, n. 1, p. 26-46, 2018.

LINCOLN, Y. S.; LYNHAM, S. A.; GUBA, E. G. Paradigmatic controversies, contradictions, and emerging confluences, revisited. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (org.). **The SAGE handbook of qualitative research**. 5. ed. Thousand Oaks: SAGE Publications, 2018. p. 108-150.

MAXWELL, J. A. **A realist approach for qualitative research**. Thousand Oaks: SAGE Publications, 2012.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 15. ed. São Paulo: Hucitec, 2019.

MONTERO, M. **Hacer para transformar**: el método en la psicología comunitaria. Buenos Aires: Paidós, 2012.

MORGAN, D. L. Pragmatism as a paradigm for social research. **Qualitative Inquiry**, Thousand Oaks, v. 20, n. 8, p. 1045-1053, 2014.

NOSEK, B. A. et al. Replicability, robustness, and reproducibility in psychological science. **Annual Review of Psychology**, Palo Alto, v. 73, p. 719-748, 2022.

OPEN SCIENCE COLLABORATION. Estimating the reproducibility of psychological science. **Science**, Washington, DC, v. 349, n. 6251, p. aac4716, 2015.

PARKER, I. **Psychology after discourse analysis**: concepts, methods, critique. London: Routledge, 2015.

PATTON, M. Q. **Qualitative research & evaluation methods**: integrating theory and practice. 4. ed. Thousand Oaks: SAGE Publications, 2015.

POPPER, K. R. **A lógica da pesquisa científica**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2013.

RICOEUR, P. **Do texto à ação**: ensaios de hermenêutica II. Porto: Rés, 2016.

SANTOS, B. S. **O fim do império cognitivo**: a afirmação das epistemologias do Sul. Coimbra: Almedina, 2018.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2017.

SHADISH, W. R.; COOK, T. D.; CAMPBELL, D. T. **Experimental and quasi-experimental designs for generalized causal inference**. 2. ed. Belmont: Wadsworth Cengage Learning, 2015.

SMITH, J. A.; FLOWERS, P.; LARKIN, M. **Interpretative phenomenological analysis**: theory, method and research. 2. ed. London: SAGE Publications, 2021.

TASHAKKORI, A.; JOHNSON, R. B.; TEDDLIE, C. **Foundations of mixed methods research**. 2. ed. Thousand Oaks: SAGE Publications, 2020.

TOOMELA, A. Mainstream psychology is epistemologically blind: why and how to overcome it. **Integrative Psychological and Behavioral Science**, New York, v. 48, n. 4, p. 412-431, 2014.

TRACY, S. J. Qualitative quality: eight «big-tent» criteria for excellent qualitative research. **Qualitative Inquiry**, Thousand Oaks, v. 16, n. 10, p. 837-851, 2010.

TRACY, S. J. **Qualitative research methods**: collecting evidence, crafting analysis, communicating impact. 2. ed. Hoboken: Wiley-Blackwell, 2020.

VALSINER, J. **From methodology to methods in human psychology**. Cham: Springer, 2017.

VALSINER, J. **Ornamented lives**. Charlotte: Information Age Publishing, 2019.

VIGOTSKI, L. S. **Obras escolhidas**: teoria e método em psicologia. São Paulo: Editora UNESP, 2018.

WINDELBAND, W. **História e ciência natural**. Lisboa: Edições 70, 2015.

WILLIG, C. **Introducing qualitative research in psychology**. 4. ed. London: Open University Press, 2017.

WUNDT, W. **Elementos de psicofisiologia**. Madrid: Akal, 2013.

YIN, R. K. **Case study research and applications**: design and methods. 6. ed. Thousand Oaks: SAGE Publications, 2018.